

ARTIGO ORIGINAL

Perfil dos estudantes de medicina de uma faculdade do sul de Minas Gerais em relação a automedicação

Profile of medical students from a university in the south of Minas Gerais regarding self-medication

Andre Ferreira da Silva¹, João Victor Almiche Sillmann¹, Eliane Aparecida de Andrade²

¹ Acadêmico do 6º ano da Faculdade de Medicina de Itajubá

² Professora da Faculdade de Medicina de Itajubá

Contato:

Andre Ferreira da Silva

andrezin1993@gmail.com

Perfil dos estudantes de medicina de uma faculdade do sul de Minas Gerais em relação a automedicação

Resumo

Introdução: A terapia farmacológica é essencial no tratamento de inúmeras patologias, porém, seu uso indiscriminado é nocivo à saúde individual e coletiva. O uso de medicamentos sem prescrição médica denomina-se automedicação. Essa tendência se acentua conforme maiores poder aquisitivo e nível de escolaridade.

Objetivo: Evidenciar aspectos relacionados à automedicação e as classes farmacológicas mais utilizadas por estudantes de medicina. **Métodos:** Foram avaliados 304 acadêmicos, de primeiro a quarto ano, de uma faculdade de Minas Gerais, através um questionário composto por 10 questões objetivas. Abordou-se, então, o padrão de consumo de medicamentos relacionado à automedicação, além da classe farmacológica. O grupo foi dividido em Ciclo Básico (CB), primeiro e segundo ano, e Pré-clínico (PC), terceiro e quarto ano. **Resultados:** Em relação ao grupo CB, 87% dos estudantes afirmaram que realizam a automedicação, sendo utilizados: analgésicos (36%), anti-inflamatórios (28%), antibióticos (8%), antidepressivos ou estimulantes do SNC (4%) e antigripais (24%). Já sobre o grupo PC, 93% realizam a automedicação, sendo utilizados: analgésicos (36%), anti-inflamatórios (30%), antibióticos (6%), antidepressivos ou estimulantes do SNC (5%) e antigripais (23%). Quanto à frequência, 60% do grupo CB faz uso mensal desses medicamentos, enquanto 56% do grupo PC faz uso mensal. **Conclusão:** Há necessidade de uma melhor abordagem de estudantes de medicina no que tange aos riscos e malefícios da automedicação, principalmente, no primeiro e no segundo ano. Tal abordagem é primordial para que esses acadêmicos possam, além de amenizar os riscos da própria saúde, instruir melhor seus pacientes.

Palavras – chaves : automedicação, estudantes, fármacos.

Profile of medical students from a university in the south of Minas Gerais regarding self-medication

Abstract

Introduction: Pharmacological therapy is essential in the treatment of numerous pathologies, however its indiscriminate use is harmful to the individual and collective health. The use of non-prescription medicines is called self-medication. This trend is accentuated according to higher purchasing power and educational level. **Objective:** To demonstrate aspects related to self-medication and the pharmacological classes most commonly used by medical students. **Methods:** A total of 304 academics, from the first to the fourth year, from a university in Minas Gerais, were evaluated through a questionnaire composed of 10 objective questions. Then, the pattern of drug use related to self-medication was discussed, in addition to the pharmacological class. The group was divided into Basic Cycle (CB), first and second year, and Preclinical (PC), third and fourth year. **Results:** In the CB group, 87% of the students stated that they perform self-medication, using analgesics (36%), anti-inflammatories (28%), antibiotics (8%), antidepressants or CNS stimulants and anti-flu (24%). On the PC group, 93% performed the self-medication, using: analgesics (36%), anti-inflammatories (30%), antibiotics (6%), antidepressants or CNS stimulants (5%) and anti-influenza drugs (23%). As far as the frequency, 60% of the CB group makes monthly use of these drugs, while 56% of the PC group makes monthly use. **Conclusion:** There is a need for a better approach for medical students regarding the risks and harms of self-medication, especially in the first and second years. Such approach is essential in order for those academics to be able to better educate their patients, in addition to mitigating the risks of their own health.

Keywords: self-medication, students, pharmacological

Introdução

Os medicamentos são essenciais na abordagem das doenças, é a forma mais comum de terapia em nossa sociedade e contribuem na melhoria da qualidade de vida da população.^{1,2} Entretanto, o uso indiscriminado pode ser nocivo à saúde. Tal prática, deve-se a estrutura do sistema de saúde, ao marketing farmacêutico, à facilidade de acesso na compra de medicamentos não prescritos, à existência de estoques em casa e a crença de que estes solucionam todos os problemas de saúde. Esses fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para a disseminação da automedicação no mundo, tornando-a uma questão de saúde pública.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é a seleção e uso de medicamentos com a finalidade de amenizar sintomas e tratar doenças. Caracteriza-se por não ser aconselhado por profissional de saúde qualificado em diagnosticar, prescrever e acompanhar o tratamento. Assim, o indivíduo faz uso de um medicamento por iniciativa própria ou por recomendação de um familiar ou amigo, ou ainda, utiliza receitas médicas antigas, modifica a forma de uso, ou adquire outras estratégias terapêuticas como plantas medicinais e remédios caseiros.¹⁻⁵

Em decorrência da impossibilidade de atendimento médico para todos os sintomas da população associado ao viés socioeconômico, a OMS estimula a prática de automedicação em decorrência dos possíveis benefícios como poupar recursos em tratamentos para as menores enfermidades e reduzir ausências no trabalho em virtude dos pequenos sintomas.⁶ No entanto, a utilização de medicamento sem prescrição pode ocasionar graves consequências à saúde individual e coletiva da população. Pode trazer consequências como doenças iatrogênicas, efeitos indesejáveis, mascarar doenças, ocasionar intoxicações humanas e morte. Não obstante, pode ainda diminuir a resolutividade dos tratamentos e aumentar os custos pela necessidade de outros complexos.⁷⁻⁹

A automedicação tem abrangência mundial e sua prevalência diferencia de acordo com a população observada, o método e o período estudado. A saber, estudos populacionais apontam tal ação, na região da Catalunha-Espanha 34,0%, na Alemanha 27,7%, em Portugal 26,2%, em Atenas-Grécia, 23,4% na Espanha 12,7%, na Índia 11,9%, e em Cuba, 7,3%. No Brasil, poucos estudos apresentam padrão de consumo de medicamentos da população brasileira como um todo. Os trabalhos

focalizam as populações dos municípios brasileiros, com variação de 27,0% e 32,0% cidade de São Paulo, SP, e Bambuí, MG, e de 76,1% em Santa Maria, RS. ^{2,3,10,11}

Sabe-se que a automedicação é um fenômeno complexo e que pode estar associado com diferentes fatores. Tal condição reforça a necessidade de entender padrões de uso de medicamentos como indicador de saúde para identificar e determinar a prevalência de doenças que afetam populações específicas e também fornecer informações sobre como os recursos terapêuticos são utilizados, assim como traçar planos de enfrentamento. Há escassez de publicações que estimam a prevalência da automedicação que investigam seus fatores associados em populações específicas. ^{1,12}

Musial mostrou uma tendência da prática na população de maior poder aquisitivo e com maior nível de escolaridade. Esse nicho tem sido tema de pesquisas em países da América, Ásia e Europa. Pesquisas brasileiras mostraram alta a taxa de automedicação entre universitários de cursos distintos da área de saúde.²³, Na Universidade do Sul de Santa Catarina, 96,5% já realizaram essa prática,²³ em uma instituição privada do sul do estado de Minas Gerais, 93,11% dos graduandos da área da saúde se automedicavam. Entre os estudantes de medicina que praticavam automedicação relatou-se 92% na Universidade de Ribeirão Preto e percentual maior que 86,6% na UNAERP, 90,4% na Universidade Federal de Juiz de Fora. Em contrapartida, um estudo transversal foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul não observou diferenças significativas na automedicação entre os estudantes de saúde e não-saúde. ^{8,12,13,14}

Declarada a importância do tema, o objetivo desse artigo foi conhecer os aspectos da automedicação, os motivos que levam a esta prática, formas, classes farmacológicas mais usadas e prevalência de reações adversas entre estudantes do primeiro ao quarto ano do curso de medicina da Faculdade de medicina de Itajubá no período de novembro e dezembro de 2018.

Métodos

Trata-se de um estudo transversal entre alunos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Itajubá, compreendendo alunos acima de 18 anos de ambos os sexos, do primeiro ao quarto ano do curso. Foram avaliados 304 de um total de 348 estudantes (os demais não compareceram nos dias em que a pesquisa foi efetuada), por meio de inquérito devidamente acompanhado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Anexo 1, aprovado pelo Comitê de Ética de Experimentação Humana sob o protocolo número XXXX, data,. Anexo 2. O instrumento, "Projeto de Pesquisa Referente à Automedicação" foi elaborado pelos pesquisadores segundo questionamentos considerados relevantes para analisar a questão da automedicação entre os estudantes. O estudo foi realizado entre os meses de novembro e dezembro do ano de 2018. Os participantes foram abordados por dois alunos do quinto ano do curso de medicina, durante o horário letivo em suas respectivas salas de aula. O questionário foi composto por 10 questões objetivas que abordavam o padrão de consumo de automedicação entre estes estudantes, assim como dados referentes à idade, sexo e série, segundo Anexo 3.

Após a aplicação do questionário, foi feito um ranqueamento das 10 questões aplicadas, selecionando seis questões para análise, aquelas que obtiveram uma maior relevância e direcionamento com o campo abordado nesta pesquisa. A apuração dos dados foi dividida em dois grupos descritos como Ciclo Básico (CB) alunos do primeiro e segundo ano do curso, e Pré-clínico (PC), alunos do terceiro e quarto ano do curso. A análise estatística realizada foi descritiva, por valores de distribuição percentual apresentando os dados em gráficos de setores utilizando planilhas de Excel (Microsoft Office®). Todos os questionários aplicados (304) foram utilizados para a análise dos dados.

Resultados

Foram aplicados 304 questionários ao total no estudo 348 acadêmicos do 1º ao 4º ano da FMIT, desses, 146 são referentes ao CB e 158 ao PC.

Sobre a realização de automedicação, dos alunos CB, 13% dos alunos não realizaram automedicação e 87% desses realizaram automedicação (**Figura 1**). Quanto aos alunos do PC, 7% não realizaram automedicação e 93% realizaram essa prática. (**Figura 2**).

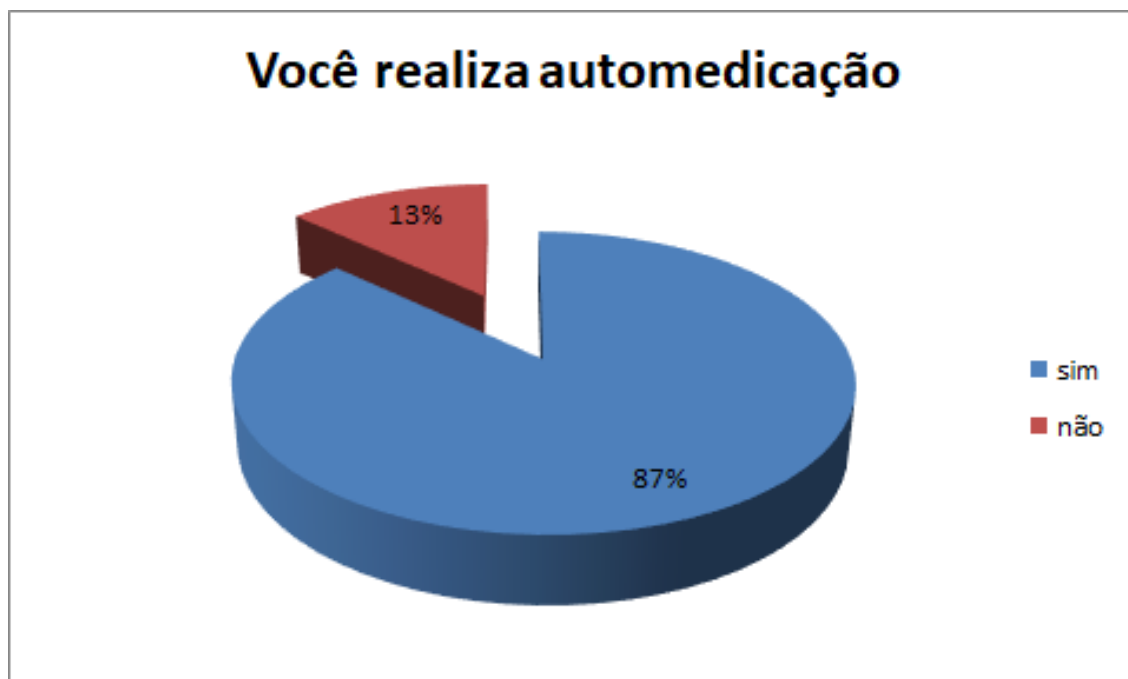


Figura 1 - Distribuição da realização ou não de automedicação entre alunos CB

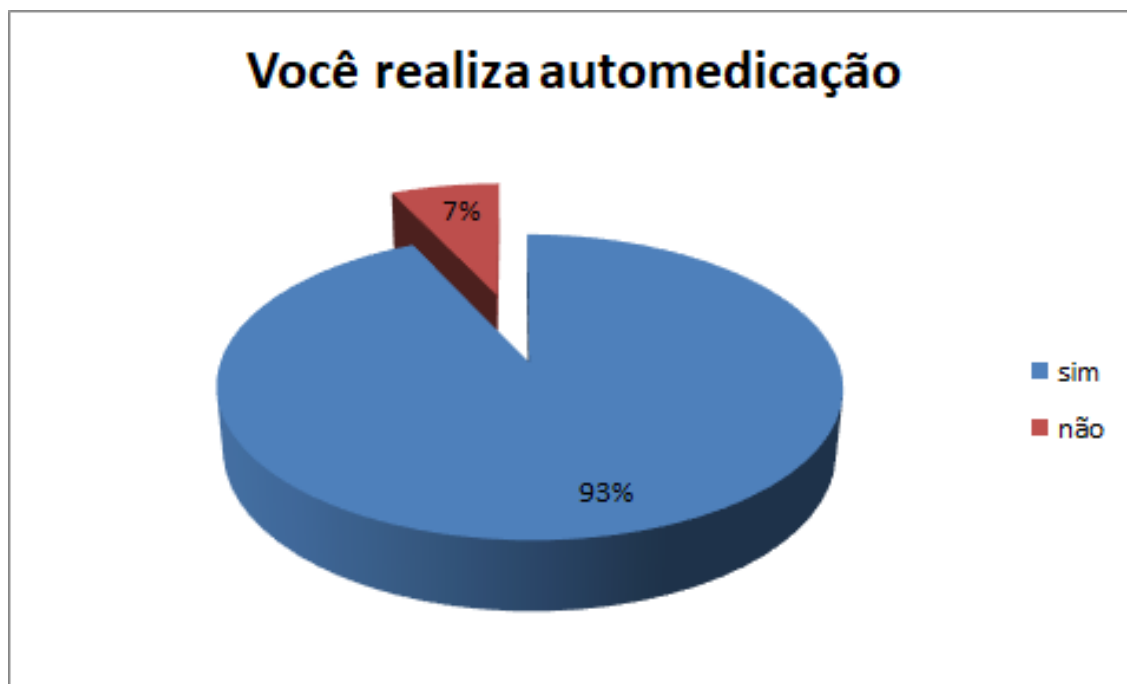


Figura 2 - Distribuição da realização ou não de automedicação entre alunos PC

Quanto à frequência da prática de automedicação, entre os alunos CB, 14% fizeram 1 vez por semana, 6% usaram 2 vezes por semana, 6% usaram 3 vezes por semana, 60% fez uso mensal e 14% uso anual (**Figura 3**). Dentre os alunos PC, 17% afirmaram uso 1 vez por semana, 8% uso 2 vezes por semana, 3% uso 3 vezes por semana, 56% uso mensal e 16% uso anual (**Figura 4**).

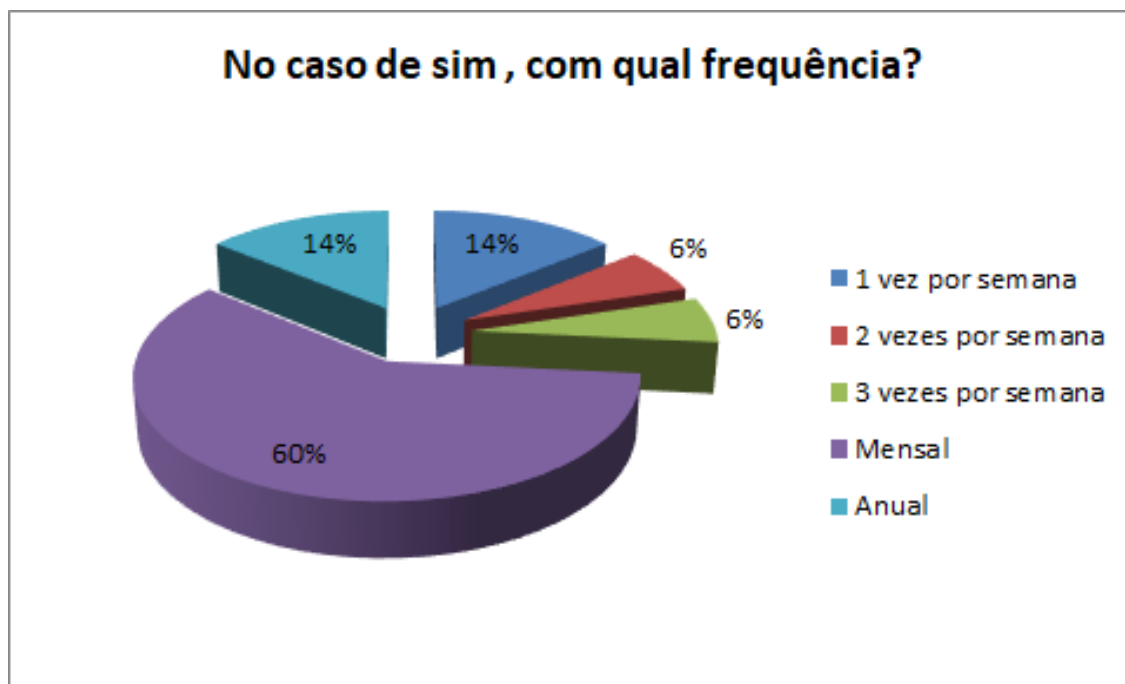


Figura 3 - Frequência do uso de automedicação entre alunos CB

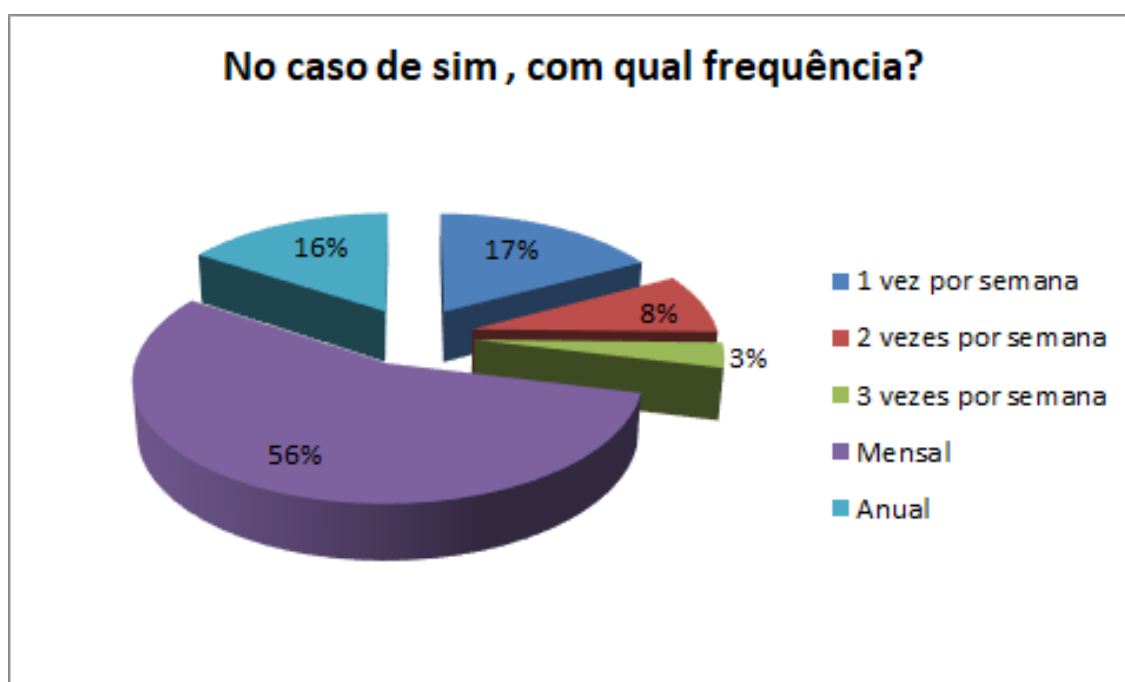


Figura 4 - Frequência do uso de automedicação entre alunos PC

Sobre quais medicamentos foram utilizados, entre os alunos CB, 36% utilizaram analgésicos, 28% anti-inflamatórios, 8% antibióticos, 4% antidepressivos ou estimulantes do SNC e 24% antigripais (**Figura 5**). Os alunos PC, 36% analgésicos, 30% anti-inflamatórios, 6% antibióticos, 5% antidepressivos ou estimulantes do SNC, 23% antigripais (**Figura 6**).

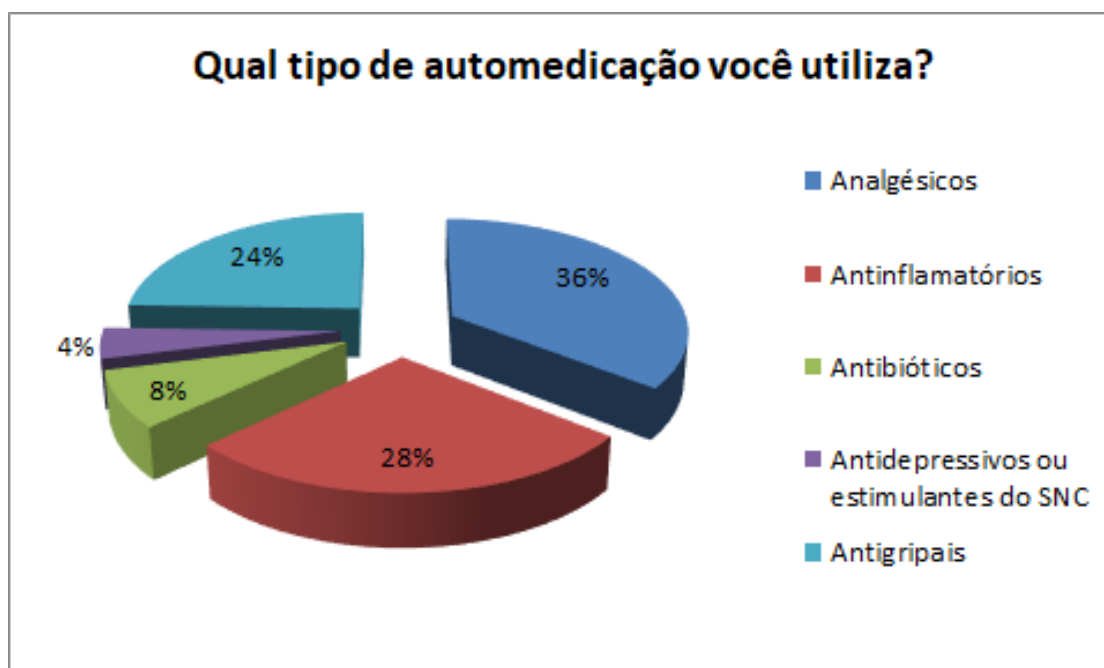


Gráfico 5 - Classes de medicamentos utilizados pelo grupo CB

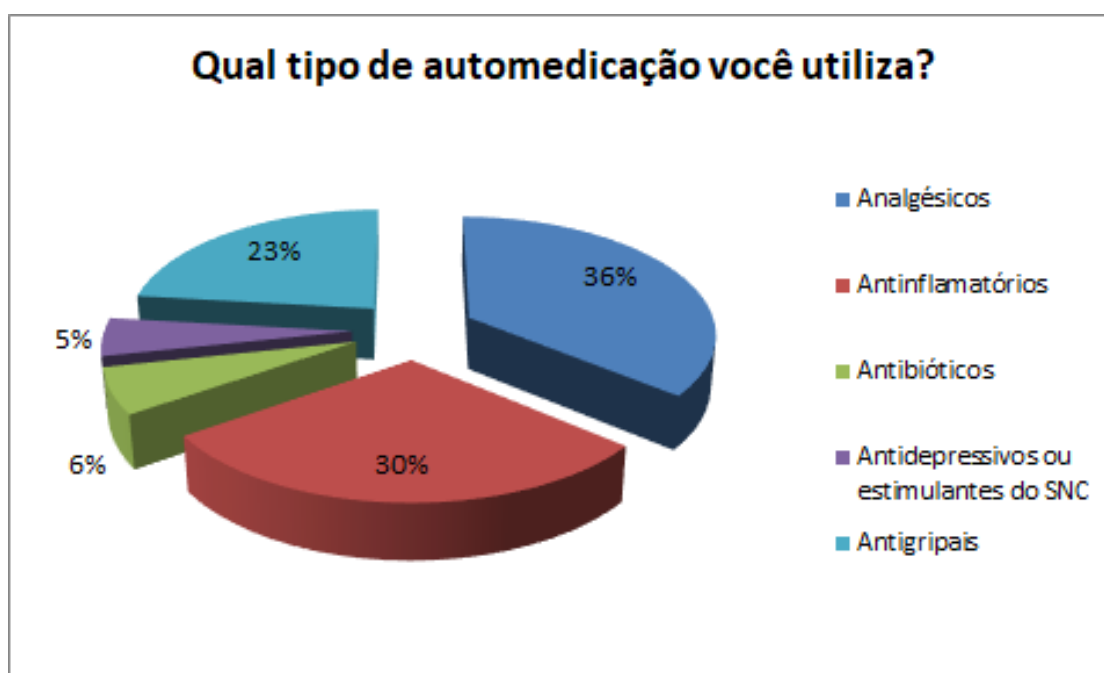


Figura 6 - Classes de medicamentos utilizados pelo grupo PC

Dentre as opções sobre os motivos para a realização da automedicação, 13% dos alunos do grupo CB justificaram o estresse, 22% baixa imunidade, 9% por ser

portador de alguma doença, 8% por poucas horas de sono e 48% para analgesia (**Figura 7**). Já entre os acadêmicos do grupo PC, 12% por estresse, 20% por baixa imunidade, 8% por ser portador de alguma doença, 9% por poucas horas de sono e 51% para analgesia (**Figura 8**).

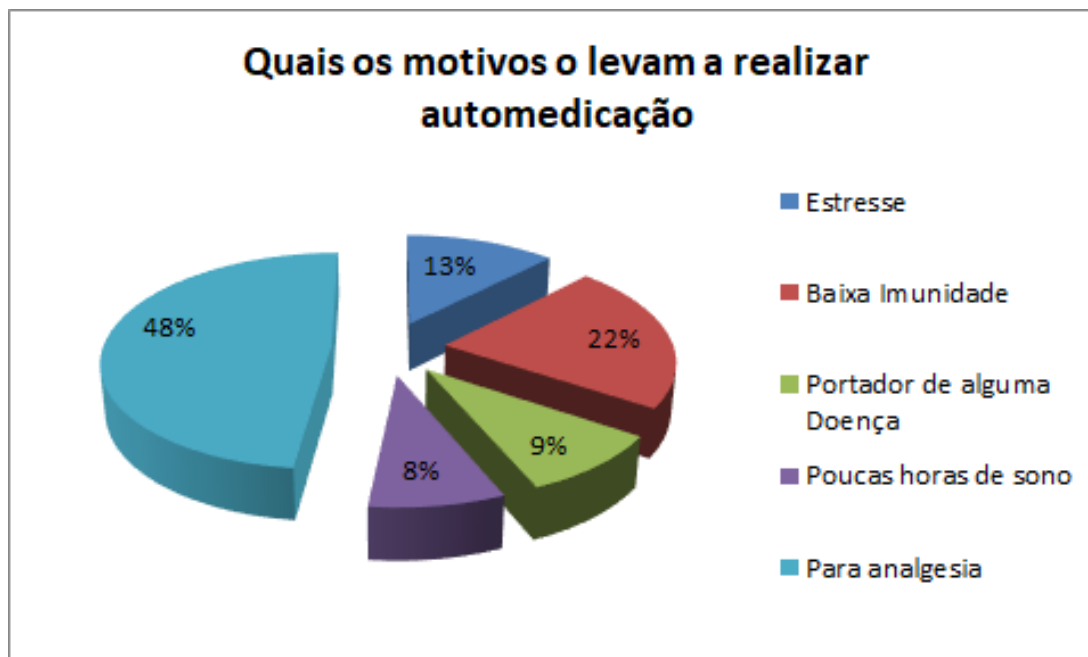
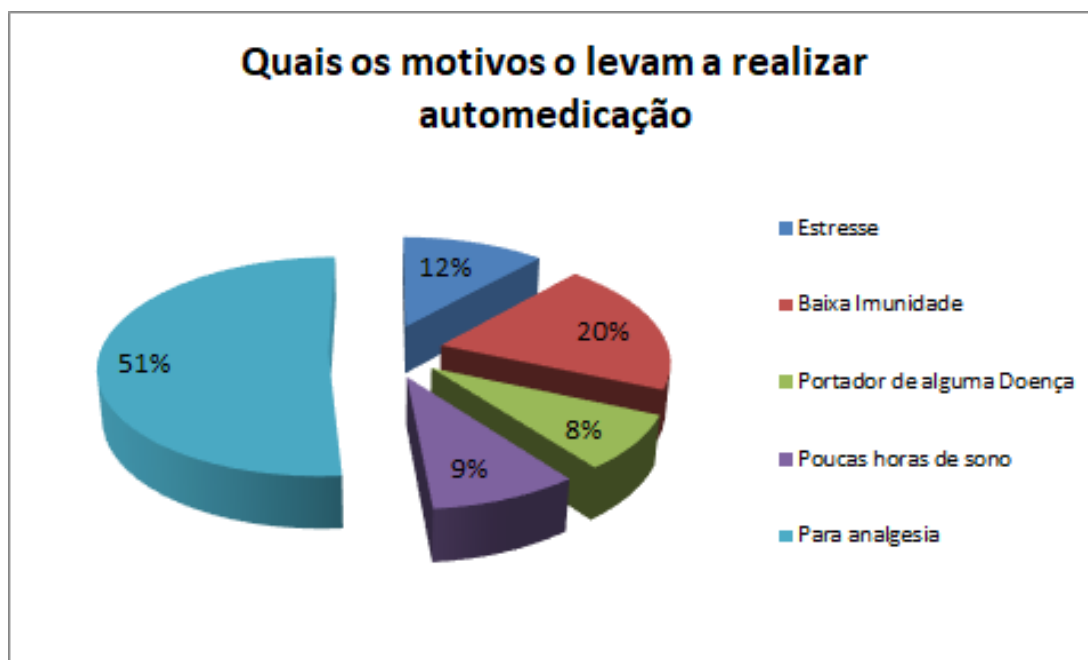


Figura 7 - Motivos para a prática de automedicação entre o grupo CB



Grupo 8- Motivos para a prática de automedicação entre o grupo PC

Sobre as justificativas para optar pela automedicação ao invés de uma consulta médica, entre os alunos do grupo CB, 25% foi por falta de tempo, 18% por já ter conhecimento suficiente a respeito da medicação, 4% por dificuldade em marcar uma consulta, 42% pelo fácil acesso à medicação e 11% por outros motivos (**Figura 9**). Entre os alunos do grupo PC, 26% foi por falta de tempo, 20% por já ter conhecimento suficiente a respeito da medicação, 8% por dificuldade em marcar uma consulta, 37% pelo fácil acesso à medicação e 9% por outros motivos(**Figura 10**).

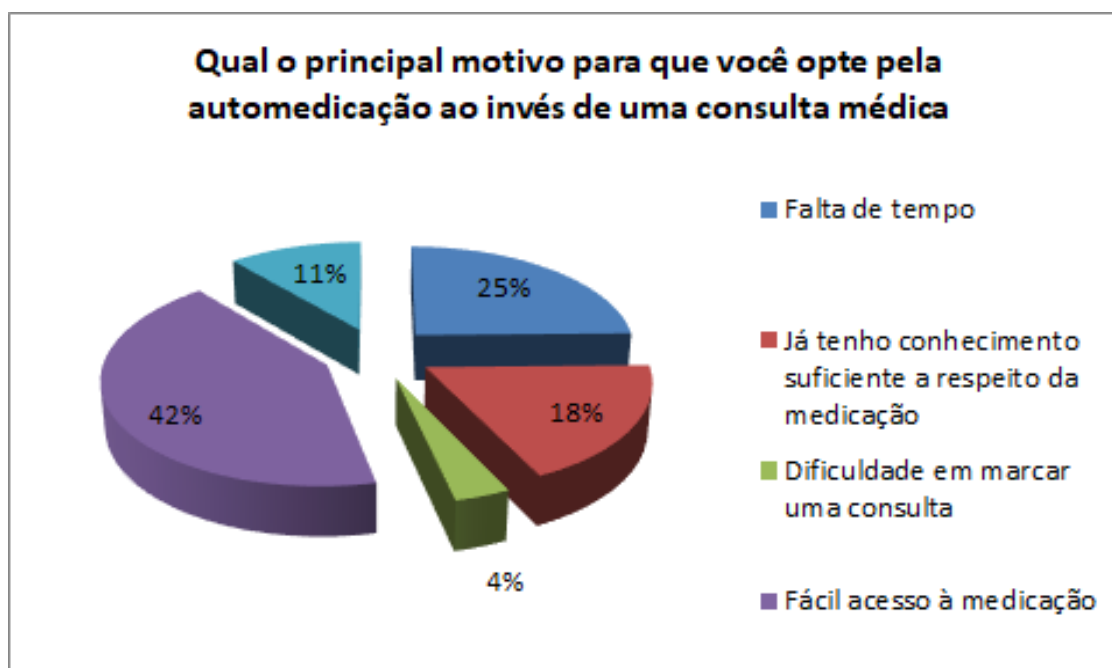


Figura 9 - Justificativas do grupo CB para optar pela automedicação ao invés de uma consulta médica

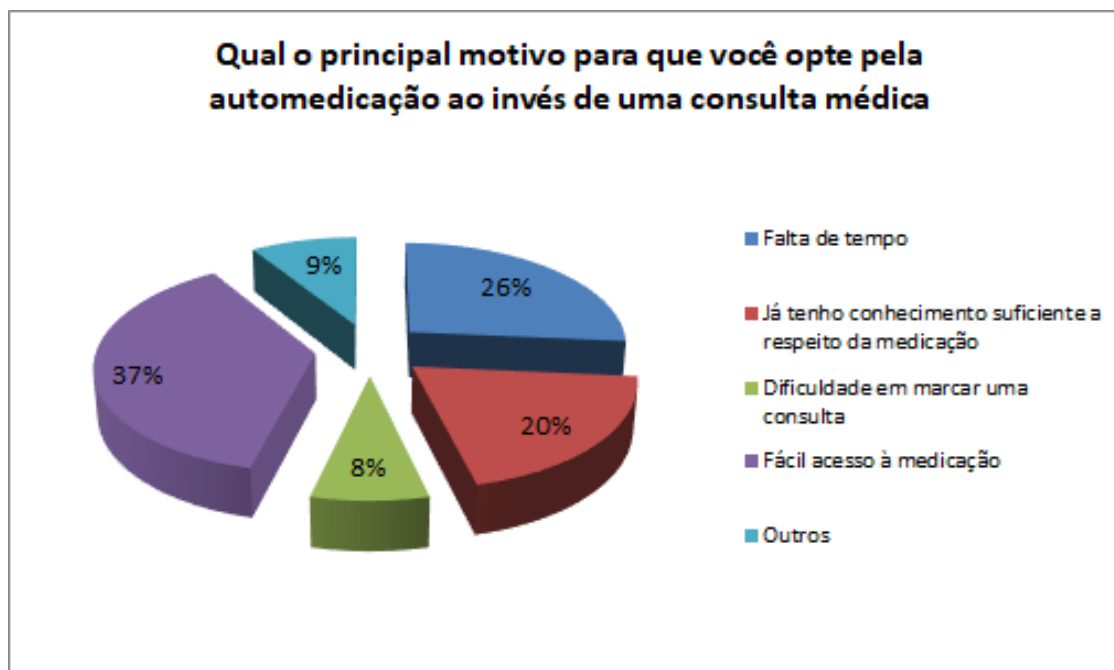


Figura 10 - Justificativas do grupo PC para optar pela automedicação ao invés de uma consulta médica

Quando abordados sobre efeitos adversos, dos participantes do grupo CB, 32% responderam cefaléia, 15% epigastralgia, 6% sudorese, 11% vertigens e 36% náusea e vômitos (**Figura 11**). Entre os alunos do grupo PC, 35% afirmaram cefaléia, 35% cefaléia, 8% sudorese, 11% vertigens e 11% náuseas e vômitos (**Figura 12**).

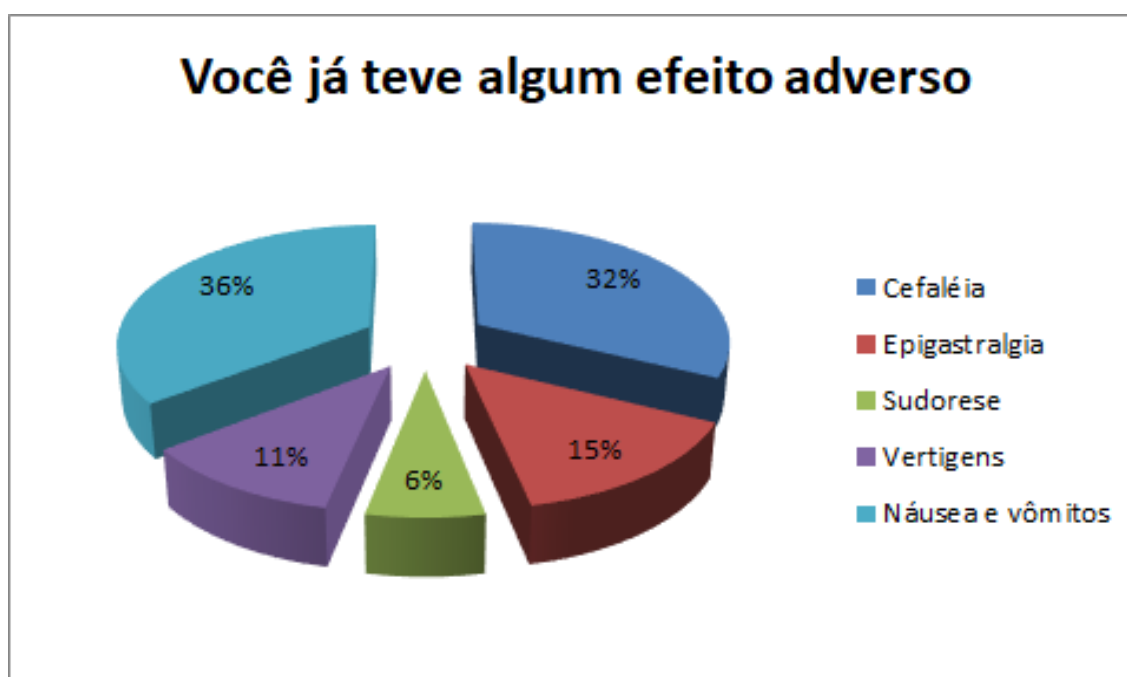


Figura 11- Efeitos adversos do grupo CB

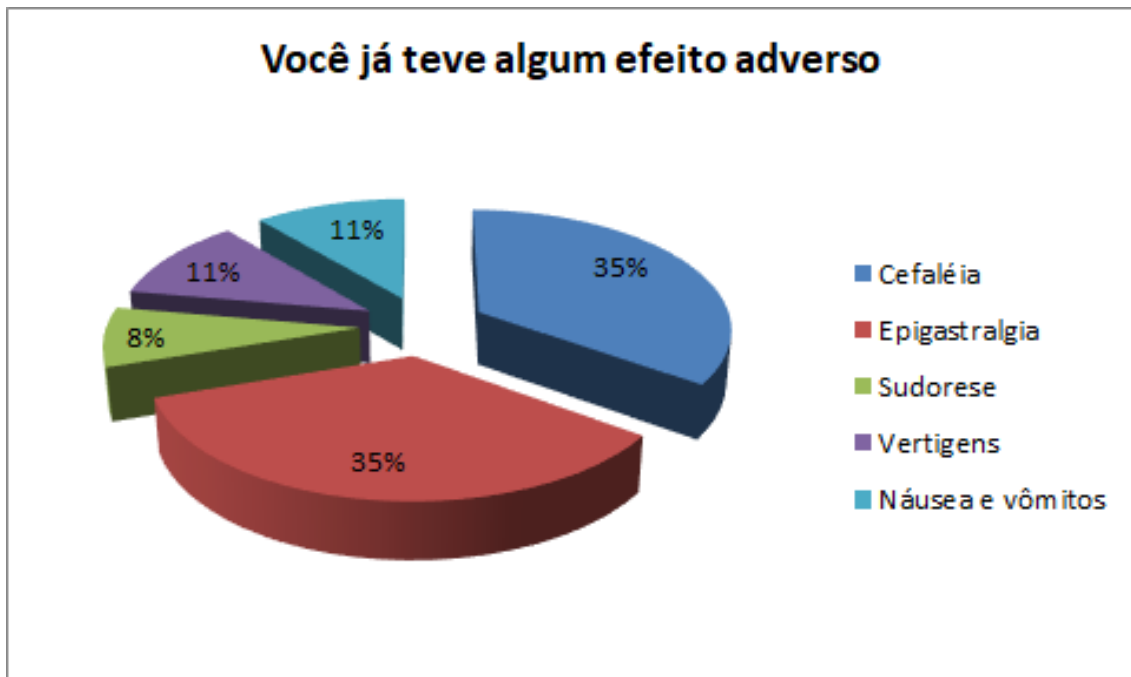


Figura 12- Efeitos adversos do grupo PC

Discussão

A prática da automedicação constitui um fator comum no dia a dia das práticas da saúde, sendo de relevância seu estudo para a adequada compreensão do processo saúde-adoecimento.

Ao se avaliar a prática automedicação realizada nos participantes dos grupos Ciclo Básico (CB) e Pré Clínico (PC) observou-se que a porcentagem de utilização de em estudantes de medicina é elevada, encontrando-se percentuais que variaram de 76,05% a 92,00% em estudos similares a estes ^{16,17}. Ressalta-se que ao se comparar os resultados encontrados nesse estudo com os resultados obtidos em outros trabalhos que possuíram um recorte diferenciado ao se analisar estudantes de maneira geral percebeu-se que a frequência de automedicação foi maior nesse trabalho.¹⁸ Portanto, ao se analisar a literatura com temática mais próxima, pode-se afirmar que os resultado encontrado está em acordo com a literatura pesquisada.

Em relação à frequência de uso não se observou muita diferença entre os grupos pesquisados, sendo as opções de uso com percentuais similares entre si. Ao se avaliar a literatura com atenção a frequência de utilização pode-se inferir que os valores encontrados estão de acordo com a literatura pesquisada ^{16,19}.

As classes de medicamentos mais usadas nesse presente estudo foram Analgésicos seguidos de Antiinflamatórios e Antigripais, além de Antibióticos e Antidepressivos em menor quantidade. Não se observou diferenças significativas entre os grupos analisados nessa pesquisa, e ao se comparar com a literatura observou-se concordância com o estudo de Silva et.al²⁰ e Souza et. al. ²⁰, contudo observou-se uma menor frequência no uso de medicamentos analgésicos que ao comparar com este estudo. Ao se analisar outros trabalhos, observou-se que os medicamentos mais usados concordaram de forma geral, exceto no trabalho de Aquino et. al. ¹⁵ que apresentou um uso de antibióticos mais elevado que nesse estudo. O que pode justificar a diferença deste trabalho em comparação aos outros refere-se à localização geográfica, cujo trabalho comparado está em uma região de clima tropical, o que pode explicar a baixa incidência do uso de antigripais.

Quando se analisa qual o motivo que levou os participantes da pesquisa a se automedicarem, foi encontrado “analgesia” como variável mais citada, seguida de baixa imunidade e estresse, o que concorda com os estudos analisados. ^{15,17,18}

Ao se analisar qual foi o motivo que levou os participantes a realizarem automedicação ao invés de procurarem recomendação médica, observou-se que existiu relativa diferença nos grupos PC e CB, contudo a posição das variáveis não sofreu alteração. Quando se observa a motivação de uso em outros trabalhos, observou-se que no trabalho de Neto et.al. ¹⁶ possui como principal variável citada a não necessidade de se procurar um médico, o que concorda com este trabalho e com a outra literatura pesquisada. ^{18,19}

Em relação aos efeitos adversos causados pelo uso da automedicação, observou-se diferenças entre os grupos PC e CB nesse estudo. Optou-se por uma análise geral para que se fizesse uma correta análise com a literatura, onde pode-se observar concordância de resultados, mostrando, apenas, algumas diferenças em relação a alguns sintomas. Essas diferenças podem estar associadas ao padrão de uso medicamentoso que varia conforme a região e a população pesquisada. De maneira geral, observou-se concordância nos sintomas colaterais com os demais trabalhos analisados. ^{16,20-22}

Conclusão

A partir dos dados deste estudo e da comparação com a literatura pode-se concluir que o presente estudo obteve êxito em seu objetivo ao analisar a automedicação em estudantes de medicina. Sabe-se que a automedicação é um grave problema de saúde pública brasileira e necessita de ações que busquem a redução dessa prática. É alarmante a alta prevalência de estudantes na área da saúde usando medicamentos sem prescrição médica.

Tendo em vista tal fato, observa-se a necessidade de maiores estudos na área que busquem ainda sanar as possíveis lacunas da literatura e o desenvolvimento de estratégias visando a promoção do uso racional de fármacos na população em geral e, principalmente, na formação dos profissionais de saúde.

REFERÊNCIAS:

1. Domingues PHF, et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epidemiol. Serv. Saude*, 2017; 26(2):319-330. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v26n2/2237-9622-ess-26-02-00319.pdf>
2. Leite SN, Vieira M, Veber AP. Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2008; 13(supl. 1): 793-802.
3. Naves JOS, Castro LLC, Carvalho CMS, Merchán-Hamann E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Cienc Saude Coletiva*. 2010;15(supl 1):1751–1762. doi: 10.1590/S1413-81232010000700087.
4. Arrais PSD, et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saúde Pública*. 2016;50(supl 2):13s. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s2/pt_0034-8910-rsp-s2-S0151887872016050006117.pdf
5. World Health Organization. The role of the pharmacist in self-care and self-medication [Internet]. Geneva: World Health Organization; 1998 [cited 2016 Dec 13]. Disponível em: [http:// apps.who.int/medicinedocs/pdf/whozip32e/whozip32e.pdf](http://apps.who.int/medicinedocs/pdf/whozip32e/whozip32e.pdf).

6. Eticha T, Mesfin K. Self-medication practices in Mekelle, Ethiopia. PLoS One. 2014; 9(5):e97464.
7. Goulart IC, Cesar JA, Gonzalez-Chica DA, Neumann NA. Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. Rev. Bras. Saúde Mat. Infant. 2012;12(2): 165-172.
8. Souza LAF, Silva CD, Ferraz GC, Sousa FAEF, Pereira LV. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. Rev. Latinoam. Enfermagem.2011; 19(2): 245-251.
9. Barros ARR & Griep RH. Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos. Rev. Latino-Am. Enf.2009; 17(6): 1015-1022.
10. Oliveira EA, Bertoldi AD, Domingues MR, Santos IS, Barros AJD. Uso de medicamentos do nascimento aos dois anos: coorte de nascimentos de Pelotas, RS, 2004. Rev. Saúde Públ.2010; 44(4): 591-600.
11. Gualano MR, Bert F, Passi S, Stillo M, Galis V, Manzoli L, et al. Use of self-medication among adolescents: 329 Paulo Henrique Faria Domingues e colaboradores Epidemiol. Serv. Saude, Brasília. 2017 26(2):319-330.
12. Silva MGC, Soares MCF, Muccillo-Baisch AL. Self-medication in university students from the city of Rio Grande, Brazil. Public Health 2012, 12:339. Disponível em: www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3444910/pdf/1471-2458-12-339.pdf
13. Selvaraj K, Kumar SG, Ramalingam A. Prevalence of self-medication practices and its associated factors in Urban Puducherry, India. Perspect Clin Res. 2014;5(1):32–36. doi: 10.4103/2229-3485.124569
14. Knopf H, Grams D. Medication of adults in Germany, results of the German health interview and examination survey for adults (DEGS1) Bundesgesundheitsblatt Gesundheitsforschung gesundheitsschutz. 2013;56(5-6):868–877. doi: 10.1007/s00103-013-1667-8.German.
15. Aquino, DS; Barros, JAC; et. al. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. Ciência & Saúde Coletiva, 15(5):2533-2538, 2010
16. Neto, JAC; Sirimarco, MT; at. al. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. HU rev, Juiz de Fora, v.32, n.3, p.59-64, jul./set. 2006
17. Silva, RCG; Oliveira, TM; et. al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. Medicina (Ribeirão Preto) 2012;45(1): 5-11

18. Pizzol, TSD; Branco, MMN; et. al. Uso não-médico de medicamentos psicoativos entre escolares do ensino fundamental e médio no Sul do Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2006;22(1):109-15.
19. Matos, JC; Pena, DAC; et. al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores e uma escola pública profissionalizante. *Cad. Saúde Colet.*, 2018, Rio de Janeiro, 26 (1): 76-83
20. Silva, LAF; Rodrigues, AMS. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. *Rev. Bras. Farm.* 95 (3), 961 – 975, 2014.
21. Souza, LAF; Silva, CDS; et. al. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* mar-abr 2011;19(2):[07 telas]
22. Silva, FM; Goulart, FC; et. al. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]. 2014 jul/set;16(3):644-51
23. Musial DC, Dutra JS, Becker TCA. A automedicação entre brasileiros. *Rev Saúde Biol*.2007;2(2):5-8.